

TEIVE, Gladys Mary Ghizoni. “Uma vez Normalista sempre Normalista”. *Cultura Escolar e Produção de um Habitus Pedagógico (Escola Normal Catarinense – 1911-1935)*. Florianópolis, SC: Ed. Insular, 2008. 216 p.

Virgínia Pereira da Silva de Ávila

Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP / Campus Araraquara

E-mail: virginia.avila@terra.com.br.

O livro “Uma vez normalista, sempre normalista”: cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico – (Escola Normal Catarinense – 1911-1935) é de autoria de Gladys Mary Ghizoni Teive, publicado pela Editora Insular, 2008. Professora do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) nos brinda com a publicação de sua tese de doutoramento, onde apresenta os resultados de suas investigações acerca da cultura escolar e produção de um *habitus* pedagógico presentes nas memórias de ex-normalistas da Escola Normal Catarinense.

Dividido em quatro capítulos, no primeiro, **O Habitus faz a professora**, aborda o modo de ser professora e sua relação com o novo método de ensino intuitivo ou lições de coisas que chegara como o que havia de mais moderno em termos educacionais no período. No segundo capítulo, **Orestes Guimarães: porta-voz do progresso e da civilização** apresenta a trajetória do educador e a reforma de instrução pública realizada em Santa Catarina, em 1911, simbolizando progresso e modernidade. No capítulo posterior, **Método de ensino intuitivo ou lições de coisas-chave para produzir o novo *habitus* pedagógico** detalha as origens do método e a educação pelos sentidos, os manuais das lições de coisas com etapas e orientações aos professores para a nova forma de ensinar. Por último, **Reforma dos/as mestres/as pela reforma do método**, trata especialmente da reforma curricular da Escola Normal Catarinense realizada por Orestes Guimarães e das novas práticas de ensino, dos conteúdos e dos significados de tempos e espaços escolares.

Ao identificar os pressupostos do novo método de ensino; “método intuitivo ou lições de coisas” que chegara com o reformador paulista e tido como o que havia de mais moderno em termos educacionais no período, a autora busca compreender o modo pelo qual o método fora apropriado e operacionalizado pelas normalistas. No seu modo de ver, a produção de sentidos em relação ao fazer docente ancorada em novas formas de ensinar, transformar-se-ia em um *habitus* pedagógico e conseqüentemente em um dos elementos constitutivos da cultura escolar da Escola Normal Catarinense. Compreendida a partir dos conceitos desenvolvidos por Dominique Juliá e Vinão Frago, a cultura escolar está relacionada ao modo de ver, pensar e sentir como também representa movimentos de descontinuidades e persistências no interior da escola.

Inspirada pelo novo método de ensino, a autora encontra em Pierre Bourdieu o suporte necessário para trabalhar com o conceito de *habitus*, qual seja, a produção de sentidos no modo de pensar e de agir das normalistas na situação de ensino. Indaga, numa linguagem clara e por vezes poética, acerca da formação de suas identidades, assim como, das práticas construídas a luz do novo método de ensino. Para tanto, mergulha no passado e remonta para o tempo presente as memórias de Dona Passinha, Dona Ada, Dona Zilda, Dona Ione e Dona Gloria, ex-normalistas, formadas no período da Primeira República e que fornecem lembranças da escola normal, do grupo escolar, da profissão de professora, “lembranças de Florianópolis, da vida, enfim” (p. 38). Marcado pelo que ficou nas lembranças destas mulheres preocupou-se, essencialmente, ao realizar inúmeras entrevistas, em desvelar um *habitus* ainda presente no pensamento de cada uma delas, “passados tantos anos, ainda norteando o seu modo de pensar o processo pedagógico” (p.38).

Embora o “método intuitivo ou lições de coisas”, estivesse presente na segunda metade do século XIX, adentra o século XX e se faz presente na reforma da instrução pública empreendida por Orestes Guimarães no Estado de Santa Catarina, tendo como foco,

[...] o investimento da formação de professores/as primários/as, sob a égide da pedagogia moderna, leia-se do método intuitivo de ensino, uma vez que o método tradicional de ensino, baseado na repetição e na memória, vinha sendo veementemente condenado pelas formas de pensar e de agir que produzia (p. 34).

Difundidos pela pedagogia moderna e segundo a autora “chave para transformar o *habitus* pedagógico da escola pública brasileira” (p. 34), a ênfase do método intuitivo consiste na observação direta, ao ver, sentir e tocar possibilitando uma operação dos sentidos sobre o

mundo exterior, contrapondo-se a concepção das idéias inatas e no dedutivismo aristotélico. Inaugurada por Francis Bacon (1561-1626) e baseado na chamada modernidade filosófica, o conhecimento tem sua origem nos sentidos humanos oportunizando ao homem criar e intervir no mundo, o ensino deveria partir do simples para o complexo, do concreto para o abstrato, do particular para o geral. “Primeiro as coisas depois as palavras” (p. 113). Ser moderno, portanto, significa, entre outros, manter sintonia com teorias que propunham novas formas de conhecer, o Estado Catarinense não fugiu a regra.

Ao situar o momento histórico vivido pelo país e conseqüentemente sua repercussão no modelo escolar, evidencia que “o novo regime instaurado no Brasil, a partir de 1889, exigia determinadas formas de pensar e de agir por parte da população e para obtê-las o Estado além da força elegeu a educação, especialmente, a escolar, como o espaço essencial para a sua ação persuasiva e preventiva” (p. 96). Para a autora, “a escola republicana deveria civilizar e moralizar o povo, disciplinando seus corpos e mentes para a modernidade” (p. 33). Neste aspecto, a Escola Normal Catarinense, através dos novos conteúdos e das novas práticas pedagógicas passa a sintonizar-se com “os interesses republicanos de formar o cidadão patriota, higienizado, trabalhador, prático, útil à pátria, enfim o cidadão racional” (p. 141). Elementos que depois de incorporados passariam a fazer parte da cultura escolar da instituição.

Já o programa de ensino da Escola Normal Catarinense, desenvolvido em 1911 teve como base, a obra *Princípios da Pedagogia*, de autoria do professor português José Augusto Coelho, lança as bases da pedagogia científica. Outra referência é encontrada em Norman Calkins, divulgador e formulador do manual de lições de coisas nos Estados Unidos, sendo traduzido e adaptado por Rui Barbosa, no Brasil,

[...] adepto das idéias liberais, Rui Barbosa considerava a educação escolar o principal fator de desenvolvimento de um país, julgando fundamental modificar as práticas até então vigentes nas escolas brasileiras, consideradas arcaicas e enfandonhas, dando-lhes nova direção pedagógica, de modo a adequá-la ao projeto político modernizador em curso. (p. 129)

É dentro deste contexto que as jovens normalistas e futuras professoras provenientes da alta sociedade florianopolitana e catarinense, possuíam a incumbência não somente de ensinar a ler e escrever, mas, sobretudo, “desenvolver nas crianças, especialmente, as das classes populares, os valores e significados relacionados à ideologia republicana, ao mundo do trabalho e às suas reivindicações; um professor capaz de retirar da ignorância as classes

populares, consideradas sinônimo de miséria [...]” (p. 148). Nas entrevistas a autora pode observar a força com que chegava o novo método de ensino, “tudo na escola normal girava em torno do novo método de ensino, o mais moderno e o melhor de todos” (Dona Passinha, p.191). A educação escolar assume papel central na formação do cidadão republicano, a figura feminina colocada no túmulo da reforma, deveria representar a jovem professora republicana, considerada “Guardiã da República” (p 75).

Os/as Professores/as de posse de certos métodos e técnicas ensinariam noções de higiene, como também, os preceitos básicos das demais ciências que foram escolarizadas; a Geometria, a Aritmética, a Química, a Língua Portuguesa, entre outras. Dentre o rol de conhecimentos a serem adquiridos destaca-se o ensino de desenho, trabalhos manuais, ginástica escolar e, cujo objetivo, além das habilidades desenvolvidas, era manter as crianças ocupadas na escola pelo maior tempo possível. Ao mestre caberia o desenvolvimento da capacidade de captar e manter a atenção da criança. “Dona Passinha cantava com seus alunos/as sempre que estes demonstravam cansaço” (p. 170), desse modo, a professora colocava em prática as premissas do método intuitivo e o que aprendera na disciplina de Psicologia na Escola Normal.

Havia no programa um tópico específico chamado “tendências naturais e próprias para aprender e desenvolver a atenção”, dos/as alunos/as do ensino primário, visava fornecer aos professores subsídios racionais e padronizados a fim de despertar o interesse da criança. Outra disciplina, a de Pedagogia fora reestruturada de “modo a adaptar-se ao espírito de modernização educacional da época” (p. 172), assegurava o preparo técnico-pedagógico do/a moderno/a professor/a e proporcionava-lhe o conhecimento sobre os métodos e processos pedagógicos. Portanto, administrar o tempo da aula a fim de manter a atenção da criança, tornara-se um elemento importante no desenvolvimento da rotina escolar.

No entanto, não somente as crianças deveriam aprender através das lições de coisas, do ver, sentir, tocar. Os/as futuros professores/as deveriam aprender a arte de ensinar intuitivamente; vendo, observando como as crianças eram instruídas e educadas nos grupos escolares, os quais devidamente aparelhados com os modernos materiais de ensino tinham a função de proporcionar bons modelos de ensino (p. 176). Neste sentido, a Escola Normal Catarinense revela-se para a autora como uma instituição organizada nos seus detalhes com vistas a atender as exigências de uma escola de massas, cujos saberes e práticas estavam associados ao critério da utilidade e praticidade. Advindos com os novos conhecimentos científicos e técnicas introduzidos pela revolução industrial, aos professores caberia contribuir na instauração de uma escola primária destinada, principalmente, à educação e instrução das

classes populares garantindo um tipo específico de raciocínio e de pensamento. Dito de outro modo, aos professores/as a tarefa de construção de um *habitus* que reforçaria as oposições do mundo do trabalho entre o abstrato e o concreto, teoria e prática, não utilitário e útil.

Para a autora a reforma de Orestes Guimarães proporcionou aos professores/as da rede pública as estruturas objetivas que, sob sua ótica, deveriam assegurar as condições para a produção e para o exercício do novo *habitus* pedagógico. Hábitos que as tornaram um tipo muito particular de professoras e expressam a realização daquilo que na época foi instituído como a essência do ser professor/a, qual seja, artífices da moral, dos valores cívicos e da civilização.

Recebido em: 24/11/2008
Aprovado em: 06/08/2009